

A Experiência do Agrupamento Vertical numa Creche

Regina Orth de Aragão
Francimary Lima Domingos
Nelúzia Fernandes de Almeida
Marco Aurélio Freitas

Os autores são, pela ordem, respectivamente, psicanalista e coordenadora; pedagoga; psicóloga; nutricionista do Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil (Cindi), em Brasília (DF).

Este trabalho se desenvolve na creche do Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil (Cindi), em Brasília, e é coordenado por uma equipe interdisciplinar que acompanha a criança nos vários aspectos do seu desenvolvimento. A equipe é composta por psicanalista, pediatra, psicólogas, pedagoga, nutricionista, administradora, contando ainda com educadoras, recreadores especializados e todo pessoal da área de apoio.

O agrupamento das crianças segundo o critério da verticalidade, que é por vezes também chamado de agrupamento familiar, foi adotado nessa creche desde sua abertura, em 1984, inicialmente para as crianças de 4 meses a 2 anos de idade, e estendido, após dois anos, para as crianças de 2 a 4 anos.

Ao longo desse período, temos vivenciado a experiência com riqueza de ensinamentos para todos os envolvidos, tanto para a equipe da creche, como para as famílias, ensinamentos que vieram, em grande parte, do desafio de lidarmos com as diferenças entre as crianças, uma característica essencial do agrupamento vertical.

O que nos levou a adotar essa forma de agrupar as crianças? Durante a elaboração do projeto para a creche, definiu-se esse agrupamento como uma tentativa de evitar um dos grandes inconvenientes das creches, que consiste em expor os bebês e as crianças de até 2 anos a mudanças sucessivas do vínculo com os educadores, com as pessoas que cuidam delas. Desde os trabalhos de Bowlby (1958), sabemos da importância fundamental para as crianças pequenas da continuidade do vínculo com a mãe ou com o adulto que a substitui. O comportamento de vinculação é definido como sendo todo comportamento da criança que tem, como conseqüência e função, criar e manter a proximidade ou o contato com a mãe ou com a pessoa que a substitua. A qualidade dessa vinculação influencia, de maneira decisiva, os outros sistemas relacionais da criança ao longo do seu desenvolvimento.

Assim, para a divisão dos grupos, o agrupamento vertical (AV) caracteriza-se pelo atendimento a crianças de uma faixa etária ampla, numa mesma sala, estabelecendo dois grupos:

O primeiro grupo (AV-1) é composto por crianças na faixa etária de 4 meses a 2 anos, num total de 15 crianças por sala, com 3 educadoras, e o segundo agrupamento (AV-2) é composto por crianças na faixa etária entre 2 a 4 anos, sendo 18 por sala, com 2 educadoras.

É necessário frisar que a colocação da criança em cada agrupamento não é rígida, e que a opção do grupo para o qual será encaminhada depende da observação individual realizada, durante a entrevista de matrícula, por membros da equipe técnica. Portanto, para definir o grupo de cada criança, levamos em consideração, além da sua idade cronológica, o seu desenvolvimento global.

Outro aspecto muito importante é que esse tipo de agrupamento, ao possibilitar maior tempo de permanência da criança com o mesmo educador, garante o estabelecimento e a continuidade do vínculo, ao mesmo tempo que evita as situações causadas por repetidas mudanças que freqüentemente abalam a estabilidade emocional das crianças na primeira infância.

Uma outra característica desse tipo de agrupamento é favorecer o atendimento mais individualizado a cada criança, pois crianças de idades diferentes têm ritmos naturalmente diferenciados. Dessa forma, procura-se evitar também um outro inconveniente dos grupos homogêneos de crianças pequenas, em que as necessidades de cuidados e de alimentação se apresentam em momentos próximos, ao longo do dia, acarretando tempos de espera inevitáveis e penosos para as crianças. Com ritmos naturalmente diferentes, é possível organizar as rotinas de atendimento, de modo que os educadores possam responder individualmente às necessidades das crianças sob sua responsabilidade.

Essa divisão possibilita, também, a estimulação natural entre as crianças. Devido à composição heterogênea do grupo, as diferenças individuais são mais evidenciadas, com uma variedade maior de aptidões e de comportamentos, e essa exposição à diversidade tem se mostrado extremamente estimulante tanto para os mais novos como para os mais velhos. Observamos que os mais novos beneficiam-se muito do convívio com os mais velhos, que

lhes servem de modelo, e que estes, por seu lado, se valorizam nesse papel de modelo e mesmo de auxiliares dos menores, podendo, além disso, recordar suas próprias vivências através da observação dos outros. Essas experiências compartilhadas constituem-se uma interação saudável para o desenvolvimento de todos.

Os pais, de início, muitas vezes manifestam seu receio em relação a esse agrupamento, temendo pela segurança de seus bebês no convívio com os maiores, ou supondo que seus filhos maiores poderão regredir em contato com os menores. Entretanto, os pais terminam constatando que no agrupamento vertical a criança pequena tem mais oportunidades de aprender com as crianças maiores, que os mais velhos sentem-se orgulhosos de suas próprias conquistas, e que todas as crianças da turma beneficiam-se do atendimento mais individual do educador.

Observamos, em nossa experiência, a variedade e a riqueza das trocas entre as crianças e a facilitação das atitudes de cooperação e de respeito entre elas.

A metodologia da creche baseia-se no processo natural de desenvolvimento e de aprendizagem. Portanto, tudo aquilo que acontece com a criança na creche, desde o "bom dia" de entrada ao "até amanhã" de saída, são experiências envolvidas com a sua formação, que contribuirão para o seu desenvolvimento pleno e sua integração social. Essas experiências podem ser de caráter psicomotor, intelectual e socioemocional e são resultantes da ação da criança no ambiente de creche. É agindo e interagindo com pessoas e objetos que a criança estrutura as bases de sua personalidade e se desenvolve.

É necessário que os educadores que cuidam das crianças saibam como ajudá-las em seu desenvolvimento, utilizando as técnicas simples que constituem a estimulação precoce. Essa estimulação envolve a relação adulto/criança, através de gestos e palavras. O estímulo deve ser adequado à idade e ao desenvolvimento da criança, respeitando suas características próprias, como base de todas as atividades propostas pelos educadores.

No AV-1, os educadores encorajam as crianças, estimulando-as a darem seus primeiros passos e a explorarem o meio ambiente ao seu redor, usando sempre uma linguagem oral-afetiva, atividades lúdicas, passando das atividades mais simples para as mais complexas. O educador está sempre com as crianças, brincando, "ensinando-as" e estimulando-as a fazerem as coisas por elas mesmas. Nesse agrupamento trabalha-se muito com a música, que representa mais uma atividade na rotina das salas. As músicas levam as crianças a reconhecerem e a usarem o seu próprio corpo como um meio de expressão.

O trabalho diversificado, com seu caráter livre e criador, permite à criança movimentar-se pelo ambiente, fazendo opções entre as atividades oferecidas segundo sua vontade. Por essa razão, as salas são organizadas de maneira a possibilitar essa autodireção da criança, que a faz crescer intelectual, afetiva e socialmente.

No que concerne o AV-2, as propostas de atividades são sempre planejadas a partir de um fato ou assunto gerador trazido pelas crianças, no sentido de explorar ao máximo as experiências concretas ocorridas a cada momento no ambiente da creche. As crianças aprendem com sua própria experiência; percebem o novo, por comparação com o objeto conhecido, descobrindo e estabelecendo semelhanças e diferenças entre ambos; elas precisam "ver com as mãos", pegar, ouvir e falar sobre o que fazem para explorar os objetos do ambiente e assimilar as experiências.

As salas de estimulação desse agrupamento são também organizadas de modo a permitir que atividades diferentes sejam oferecidas ao mesmo tempo. Assim, as crianças, em diferentes etapas de seu desenvolvimento, podem desenvolver plenamente suas ações de acordo com suas possibilidades individuais. A organização das salas, de forma múltipla e variada, em torno de centros de interesses, é fundamental para atingir esses resultados.

Não existe, portanto, objetivo predeterminado a ser perseguido por todo o grupo, pois são grandes as diferenças entre as crianças nessa faixa etária, mas é importante saber estimular

naturalmente o desenvolvimento, estando sempre atento para descobrir como a criança aprende e como aprender com ela também.

Essa organização reflete-se, inclusive, nos procedimentos das áreas de saúde e de nutrição da creche, além dos já salientados com relação ao enfoque psicopedagógico.

No que se refere ao atendimento alimentar, o agrupamento vertical requer certos procedimentos práticos, e suscita experiências e comportamentos muito próprios e distintos do que é observado em um agrupamento homogêneo. A própria elaboração do cardápio, instância onde se convergem e se materializam todos os princípios da nutrição saudável, é realizada em nível de sua adequação de aportes nutricionais e enquanto veículo dinâmico de referência e estabelecimento de hábitos alimentares pertinentes.

Ao considerar que na faixa etária de 4 meses a 2 anos encontramos todas as etapas do desenvolvimento alimentar vivenciadas e elaboradas pela criança, referindo-se ao processo anatômico e fisiológico de maturidade ingestiva e digestiva, e à introdução gradativa de novos alimentos, o cardápio é elaborado de maneira que atenda às especificações dessas etapas, oferecendo todas as possibilidades alimentares demandadas. Nesse sentido, de acordo com o cardápio prescrito, fórmulas lácteas, sucos de frutas, frutas em porções, sopa pastosa de legumes, legumes cozidos em porções, cereais e leguminosas na forma de "papa" e cozidos inteiros, carnes moídas, desfiadas e em pedaços, verduras e legumes crus são encaminhados pelo serviço de copa às salas, local das refeições.

Uma vez nas salas, os educadores administram as refeições às crianças de acordo com suas demandas individuais. Nesse manejo, as crianças menores (bebês) são atendidas preferencialmente, enquanto os maiores se preparam para o momento da refeição e a recebem logo em seguida. É importante destacar que essa dinâmica se processa naturalmente, repercutindo na diminuição de possíveis estados de estresse, tanto por parte das crianças como dos educadores.

Constatando que grupos heterogêneos proporcionam situações de troca e estímulos muito ricos no seu convívio, podemos estender essa prerrogativa ao momento das refeições.

O trânsito de comportamentos alimentares diversos faz com que a criança tenha a oportunidade de entrar em contato com experiências alheias, levando-a ao interesse em conhecer novos alimentos e consistências, além de estimulá-la a desenvolver capacidades importantes, como no caso dos menores, a habilidade e a disposição para mastigar e alimentar-se com as próprias mãos.

É freqüente a admiração dos pais ao se depararem com seus filhos numa atitude autônoma, no seu entender precoce, manipulando o talher e levando-o à boca com o alimento.

A participação dos educadores nesse "*setting*", monitorando todo o atendimento alimentar, é fundamental, assim como o envolvimento da família e a implicação de toda a equipe, seja técnica, seja de apoio, da creche.

Ao adotar tal modo de agrupamento, pressupomos a necessidade de uma organização específica da instituição, valorizando especialmente o treinamento e a supervisão constantes de todos os educadores responsáveis pelos grupos de crianças, assim como de todos os membros da equipe.

Referências bibliográficas

AINSWORTH, M. *The secure base*. New York : John Hopkins University Press, 1974.

BOWLBY, J. The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psychoanalysis*, New York, v. 39, p. 350-373, 1958.